

GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO
SEPLAN-PR/COMISSÃO NACIONAL DE REGIÕES METROPOLITANAS E POLÍTICA URBANA
PREFEITURA MUNICIPAL DE VILA VELHA

PATRIMÔNIO HISTÓRICO DA GRANDE VITÓRIA
EDIFICAÇÕES A SEREM PRESERVADAS
EM VILA VELHA

FUNDAÇÃO JONES DOS SANTOS NEVES

GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO
SEPLAN-PR/COMISSÃO NACIONAL DE REGIÕES METROPOLITANAS E POLÍTICA URBANA
PREFEITURA MUNICIPAL DE VILA VELHA

PATRIMÔNIO HISTÓRICO DA GRANDE VITÓRIA
EDIFICAÇÕES A SEREM PRESERVADAS
EM VILA VELHA

FUNDAÇÃO JONES DOS SANTOS NEVES

MA10/1978

GOVERNADOR DO ESTADO

Elcio Alvares

SECRETÁRIO EXECUTIVO DA CNPU

Jorge Guilherme de Magalhães Francisconi

PREFEITO MUNICIPAL DE VILA VELHA

Américo Bernardes da Silveira

DIRETOR SUPERINTENDENTE DA FJSN

Stélio Dias

SUPERVISOR

Arlindo Villaschi Filho

TÉCNICO RESPONSÁVEL

Helena Maria Gomes

CONSULTORES

Carlos Maximiliano Fayet

Paulo de Mello Freitas Junior

COLABORADORES

André Tomouyuki Abe

Marcia Grande Monteiro Tancredo

Carlos Cândido Caser

Fernando Sanchotene

Arleida Penha Badke

AUXILIAR TÉCNICO

Paulo Sérgio de Paula Vargas

EQUIPE AUXILIAR

Wilson Fernando Teixeira da Silva

Edir Lirio

Elizabeth Fiorio Checon

Maria Osória Bernardo Pires

Diana Luzia Mariani

Eni de Fátima Dezan
Carmem Maria Lima Arruda
Antônio Salles de Sá
José Martins
José Nilton de Paula

ARTE

José Luiz Gobbi Fraga
Flávio Santos

AGRADECEMOS A VALIOSA COOPERAÇÃO DE:

Celso Perota
Carlos Lemos
Benedito Lima de Toledo

APRESENTAÇÃO

Dentre os objetivos de planejamento integrado, que a Fundação Jones dos Santos Neves vem preconizando para a Aglomeração Urbana da Grande Vitória, um que tem merecido destaque, refere-se à necessidade de uma ação ordenada no sentido de não permitir-se a descaracterização da cidade como um todo.

Esse processo de descaracterização, se faz sentir em função da pouca atenção que tem merecido por parte de quem vive a cidade - o seu habitante nos diversos níveis e posições, os bens que de certa forma tornam o nosso meio urbano ímpar, dentre tantos outros.

Dentre esses bens, destacam-se não só aqueles com que fomos privilegiados pela natureza, como também, edificações que nos foram legadas por nossos antepassados.

O presente trabalho aborda esses últimos, sem procurar, no entanto, julgar o que é o mais prioritário - o natural ou o construído - para a cidade. Os dois são fundamentais.

ÍNDICE	PG
1. INTRODUÇÃO	8
2. METODOLOGIA	13
3. SINOPSE	28
4. CADASTRAMENTO/LEVANTAMENTO	31
01. Convento da Penha	32
02. Igreja do Rosário	36
03. Fortaleza de Piratininga	44
04. Farol Santa Luzia	49
05. Igreja da Barra do Jucu	56
06. Igreja de Ponta da Fruta	63
BIBLIOGRAFIA	69

LISTA DE PLANTAS

1 - MAPA DAS EDIFICAÇÕES DO CENTRO URBANO

IGREJA DO ROSÁRIO

- 1 - Planta baixa
- 2 - Fachadas

FAROL SANTA LUZIA

- 1 - Planta de localização
- 2 - Vista

IGREJA DA BARRA DO JUCU

- 1 - Planta de localização
- 2 - Planta baixa, Fachadas e Cobertura

IGREJA DE PONTA DA FRUTA

- 1 - Planta de localização
- 2 - Planta baixa, Corte, Fachadas e Cobertura

1.

INTRODUÇÃO

O conceito de patrimônio tem evoluído e sofrido ampliações no tempo, chegando a atingir diversas manifestações culturais.

A formulação inicial do problema foi feita por Mário de Andrade, na ocasião da criação do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, que diz o seguinte:

*"Constitui o Patrimônio Histórico e Artístico Nacional o conjunto de bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer pela sua vinculação com fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico, etno-gráfico ou artístico."*¹

Os bens em questão, só seriam considerados componentes do patrimônio, uma vez inscritos no livro de Tombo. O conceito estendia-se também a aspectos do meio-ambiente:

*"Os monumentos naturais, bem como os sítios e paisagens que importe conservar e proteger pela feição notável com que tenham sido dotados pela natureza ou agenciados pela indústria humana."*²

Percebe-se que a proteção estendia-se somente aos elementos dotados de caráter singular, como *fatos memoráveis, excepcional valor, monumentos* etc. Observa-se que os bens protegidos eram atingidos pela intocabi-

¹Decreto Lei nº 25, de 30.11.37, Art. 1º

²Idem, Art. 1º e 2º

lidade, e que, uma vez tombados, não poderiam, em nenhuma hipótese, serem mutilados ou destruídos. Na década de 60, com a ampliação do conceito, entram também a dimensão folclórica e turística.

Outra evolução do conceito de patrimônio, foi a adoção da *história social local*, que pretende focar o problema de acordo com aspectos específicos da cidade, ou seja, através de sua evolução urbana e manifestações sócio-culturais que a caracterizam.

Desta forma, o patrimônio passa a abranger não só bens que se caracterizam pela excepcionalidade, mas também pela representatividade que possuem para o local onde se encontram inseridos. Parte-se, desta forma, do conceito de patrimônio nacional para uma concepção que abrigue também as manifestações culturais específicas de determinada região ou local.

Esta nova abordagem não exclui, em hipótese alguma, os bens culturais excepcionais, mas transcende a obra isolada, abrangendo os espaços da cidade que possuem representatividade. A representatividade do patrimônio urbano pode ser entendida como a combinação parcial ou integral dos seguintes aspectos:

Aspectos históricos: constituem-se na escala de cada cidade a preservação das primeiras áreas urbanizadas, independentes de terem ocorrido nos séculos anteriores ou neste século, mas que sua preservação se justifica pela impossibilidade de serem reproduzidos. Por história, entende-se, então, qualquer passado não necessariamente palco de feitos épicos.

Aspectos formais, estéticos e paisagísticos: são o resultado de diversos condicionantes e parâmetros sócio-culturais, como organização de

trabalho e família, variáveis climáticas, etc., e que correspondem a uma função específica. O fato da forma assumir um caráter plástico, é que definirá a estética nela contida. Ao contrário dos grandes monumentos, que primam pelo rigor de estilo, aqui o critério fundamenta-se nos valores populares enquanto auto-representação e representação do mundo. Neste caso, nem os raros exemplos de excentricidade estão excluídos.

Aspectos sociais: são os espaços que se associam à prática da sociabilidade, principalmente no que diz respeito aos contactos primários, intercâmbio pessoal e manifestações coletivas, sejam elas de natureza religiosa, folclórica, lúdica, política, esportiva, econômica, entre outras.

Aspectos culturais: valor atribuído à manifestações culturais, etnias, nacionalidades, regionalismos, estilos de vida ou atividades e fatos contidos na memória da cidade.

Devem, portanto, ser objeto de preservação as áreas caracterizadoras de uma cidade, com especial destaque para sua leitura, independentemente de uma avaliação rigorosa em termos estéticos-históricos.

Os levantamentos, objeto deste volume, fazem parte de um processo que, considerando a importância das edificações e conjuntos históricos, não podem deixar de ressaltar o aspecto fundamental da ambiência destas edificações, ou seja, o tratamento das áreas em seu redor; dos espaços abertos inseridos na malha urbana (ruas, praças, parques, jardins, e espaços culturais ou de efetividade) e os espaços naturais (praias, morros, lagoas e outros).

Os levantamentos das edificações e conjuntos edificados, que ora são apresentados, compreendem informações históricas, técnicas, conservação e o cadastramento arquitetônico, das edificações consideradas objeto

de preservação, visando o tombamento e a participação em futuros programas de restauração, revitalização e utilização.

Finalmente, deve-se ressaltar que os mecanismos para garantir a preservação de tais espaços urbanos não poderão constituir-se somente no tombamento, que não proporciona eficiência na abordagem de amplas superfícies de transformação, sendo necessário serem acionados outros instrumentos como: a auto-preservação-estimulada, por parte dos próprios usuários; o controle da urbanização e renovação urbanas; o uso de leis mais amplas em planejamento urbano; e a participação da sociedade civil nas decisões de projetos de desenvolvimento urbano.

Esta observação torna-se fundamental para a região de Vitória, devido ao processo de crescimento acelerado que tem se processado nas duas últimas décadas, podendo ocorrer que mecanismos formais de preservação se tornem incapazes de sustar o processo de desaparecimento de edificações e conjuntos que compõem a memória histórica e cultural das cidades.

2. Metodologia

METODOLOGIA

Para a execução do levantamento das edificações de interesse histórico, artístico, afetivo e cultural das cidades da região de Vitória, elaborou-se modelos de fichas que nos permitissem dar uma abordagem homogênea aos bens levantados, compreendendo: fichas de informações gerais, situação e ambiente, histórico-documental, ficha técnica e cadastramento arquitetônico com cortes e elevações.

As edificações foram inventariadas segundo o grau de importância histórica, arquitetônica, e o grau de conservação, variando, desta forma, os graus de proteção. Para as edificações que não apresentam descaracterização do interior e exterior, recomenda-se a preservação integral (GP 1 - Grau de Proteção 1). Para as edificações que apresentam descaracterização completa do interior, e que não estão inseridos em conjuntos, com características similares que contribuam para a leitura urbana, considerou-se que não seria justificada a preservação. Porém as edificações isoladas, que apresentem uma certa dose de originalidade e que possuam o interior caracterizado passíveis de reconstituição, foram incluídas no levantamento. Da mesma forma, as edificações que se encontram inseridas em conjuntos urbanos, e que embora apresentem descaracterização de interior ou exterior, contribuem para a formação de um perfil histórico inteligível e de fácil leitura. Para estes casos, o fundamental é a preservação de fachada, podendo os espaços internos adaptarem-se segundo o uso, sendo vetada a demolição parcial ou total. Para este grupo de edificações recomenda-se a preservação integral GP 2 (Grau de Proteção 2).

Os espaços edificados são catalogados nas seguintes categorias:

EDIFICAÇÕES DE PRESERVAÇÃO INTEGRAL - GP 1 (Grau de Proteção 1).

São as edificações que apresentam características originais, ou com pequenas alterações, porém, sem que haja descaracterização. Devem ser totalmente conservados, tanto interna, como externamente.

Como exemplo, a Igreja Santa Luzia, Igreja São Gonçalo, Solar Monjar dim e outras.

EDIFICAÇÕES DE PRESERVAÇÃO INTEGRAL - GP 2 (Grau de Proteção 2).

Constituem-se nas edificações que apresentam descaracterização do interior e/ou exterior, porém sua importância histórica ou ambiental recomenda a preservação. Poderá haver reconstituição do exterior, sendo que o interior poderá ser alterado em função da adaptação ao uso. Algumas destas edificações formam trechos de ruas que apresentam características urbanísticas do século passado, constituindo-se nas últimas manchas remanescentes dos períodos anteriores de urbanização. Estão sujeitas a desaparecerem, devido o processo de renovação urbana, e, portanto, devem ser preservadas. Alguns destes conjuntos contribuem para a legibilidade das demais edificações a serem preservados. Neste grupo, podemos citar, em Vitória, trechos das ruas José Marcelino e Muniz Freire, o conjunto do Palácio Anchieta e Assembléia Legislativa. Na Serra trechos da rua Cassiano Castelo e Jones dos Santos Neves. As edificações levantadas não receberam abordagem homogênea pela falta de recursos humanos e pela premência de tempo. Os levantamentos deverão ser complementados futuramente, nos próximos programas que venham a ser realizados.

1.

INFORMAÇÕES GERAIS

REGIÃO:

ESTADO:

MUNICÍPIO:

DISTRITO/BAIRRO:

LOGRADOURO:

DENOMINAÇÃO:

CADASTRO IMOBILIÁRIO Nº:

UTILIZAÇÃO ATUAL:

PROTEÇÃO EXISTENTE:

GRAU DE PROTEÇÃO:

PERÍODO:

2.

FICHA HISTÓRICO-DOCUMENTAL

a) INICIATIVA DA CONSTRUÇÃO:

b) INÍCIO/TÉRMINO DA CONSTRUÇÃO:

c) AUTOR DO PROJETO E RESPONSÁVEL PELA EXECUÇÃO:

d) DESTINAÇÃO PRIMITIVA E OCUPAÇÃO:

e) ALTERAÇÕES/RESTAURAÇÕES:

f) MUDANÇAS DE USO/PROPRIETÁRIOS:

g) ICONOGRAFIA:

3.

FICHA SITUAÇÃO E AMBIENTE

a) TOPOGRAFIA TERRENO

1. Plano
2. Encosta
 - . abaixo 30°
 - . acima 30°

b) ENTORNO (PLANO GERAL)

1. Elevação
 - . topo
 - . encosta
2. Baixada
3. Plano
4. Alagado (mangue, etc)
5. Orla

c) ACESSO

1. Tráfego intenso
 - . plano
 - . ladeira

2. Tráfego moderado

- . plano
- . ladeira

3. Tráfego local

- . plano
- . ladeira

4. Via pedestre

- . plano
- . ladeira
- . escadaria

d) VISUAIS DO MONUMENTO EM RELAÇÃO DO ENTORNO

1. Elementos construídos de interesse artístico e cultural
2. Conjuntos ambientais de elementos construídos de valor artístico e cultural
3. Espaço urbano não edificado (espaços abertos)
 - . com tratamento paisagístico
 - . sem tratamento paisagístico
4. Paisagem de elementos naturais
5. Linha do horizonte
6. Obstrução parcial devido a elementos edificados

e) VISUAIS DO ENTORNO EM RELAÇÃO AO MONUMENTO

1. Completamente visível
2. Parcialmente obstruído devido a elementos edificados
3. Parcialmente obstruído devido e elementos de paisagem
4. Totalmente obstruído

f) VEGETAÇÃO (QUALIFICAR O TIPO PREDOMINANTE)

1. Grande porte
2. Médio porte (arbustiva)
3. Pequeno porte (vegetação rasteira)

g) EDIFICAÇÕES DO ENTORNO

1. Elementos construídos de interesse cultural
 - . edificação
 - . obras de arte
 - . parques, praças
2. Conjuntos ambientais de elementos construídos
 - . edificações
 - . obras de arte
 - . parques, praças
3. Edificações indicando nº pavimentos em croquis, principalmente em caso de obstrução de visuais

h) CONDIÇÕES QUALITATIVAS DO AMBIENTE

Analisar o grau de conservação do ambiente sob os seguintes aspectos:

1. Vegetação
2. Pavimentação
3. poluição e obstrução visual
4. Existência de resíduos sólidos (lixo, material construção e outros)
5. Poluição sonora
6. Poluição olfativa

4,

FICHA TÉCNICA

a) FUNDAÇÕES

1. Tipo de fundação e material
2. Alicerces, tipo e material
3. Estado de conservação
 - . com recalque
 - . sem recalque

b) ESTRUTURA

1. Estrutura de sustentação
2. Estrutura de tetos
3. Estrutura de pisos
4. Alteração na estrutura original
5. Estado de conservação da estrutura

c) COBERTURA

1. Croquis da cobertura indicando caimento das águas

2. Observar se a cobertura é:

- . original
- . alterada
- . restaurada
- . completamente substituída

3. Indicação da estrutura principal e secundária, croquizando-a.

4. Indicação do tipo de telha utilizado.

5. Descrição ou croquis do acabamento dos telhados, como beirais, cornijas, cachorros e outros.

d) PAREDES

1. Paredes externas.

2. Paredes internas.

3. Estado de conservação.

e) ESCADAS

1. Tipo de escada e material utilizado.

2. Corrimão, balaustrada.

- . indicação do material utilizado e estado de conservação.
- . croquis se apresentarem interesse artístico.

f) BALCÕES, SACADAS E VARANDAS

1. O tipo, localização na edificação e estado de conservação.

2. Estrutura de sustentação.

3. Croquis da balaustrada (guarda corpo) se apresentar interesse artístico.

g) ALTERAÇÕES

1. Demolições

Observar através de documentos e fotos se houveram demolições significativas na edificação.

2. Ampliações

Observar se houveram ampliações de:

- . blocos anexos ao volume original
- . inserção de pisos (pavimentos)
- . demolições, construção ou deslocamentos de paredes
- . abertura e/ou fechamento de vãos
- . platibandas
- . escadarias, acessos
- . outros

h) RESTAURAÇÃO

1. Indicação das restaurações executadas na edificação
2. Época, restauradores, responsável técnico da restauração, órgão financiador e executor.

i) VENTILAÇÃO

Analisar as condições de ventilação da edificação, observando se os compartimentos possuem:

1. Ventilação boa
2. Ventilação regular
3. Ventilação deficiente

j) ILUMINAÇÃO

Analisar as condições de iluminação da edificação, observando se os compartimentos possuem:

1. Iluminação natural boa
2. Iluminação natural regular
3. Iluminação natural deficiente

OBSERVAÇÃO: A análise das condições de iluminação e ventilação deverá levar em consideração a influência das edificações no entorno.

l) INSTALAÇÕES HIDRÁULICAS

1. Observar se são embutidas ou aparentes.
2. Observar se possuem vazamentos
3. Observar as condições de funcionamento das instalações sanitárias.

m) SALUBRIDADE

Observação do estado geral de salubridade da edificação, principal_{mente} quanto à umidade e infiltração de água.

5.

CADASTRO ARQUITETÔNICO

1. MAPA DE LOCALIZAÇÃO

Mapa de localização das edificações na escala 1/2.000 nos centros urbanos e 1/5.000 para as edificações localizadas em zona rural.

2. PLANTAS

O cadastro compreende plantas baixas, cortes e elevações das edificações nas escalas 1/100 e 1/200.

EDIFICAÇÃO INTEGRANTE CONJUNTO ARQUITETÔNICO GP 2

NOME/ENDEREÇO:

PROPRIETÁRIO:

Nº PAVIMENTOS:

TÉCNICA CONSTRUTIVA:

CONSERVAÇÃO:

LEVANTAMENTO HISTÓRICO/RECOMENDAÇÕES:

EDIFICAÇÃO ISOLADA GP 2

NOME DA EDIFICAÇÃO:

PROPRIETÁRIO:

Nº PAVIMENTOS:

TÉCNICA CONSTRUTIVA:

ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

HISTÓRICO/DOCUMENTAL/RECOMENDAÇÕES:

- SINOPSE DAS EDIFICAÇÕES A PRESERVAR - VILA VELHA -

Nº	MONUMENTO	PERÍODO (Século)	PROTEÇÃO EXISTENTE	UTILIZAÇÃO ATUAL	GRAU DE CONSERVAÇÃO	RECOMENDAÇÕES
01	<p>CONVENTO DA PENHA Rua Luíza Grimalda s/nº</p>	<p>Início: sé- culo XVI Reformas: XVIII e XIX</p>	<p>Tombado pe- lo IPHAN.</p>	<p>Culto Religioso e Tu- rismo.</p>	<p>Bom estado de conser- vação.</p>	
02	<p>IGREJA DO ROSÁRIO Praça da Bandeira</p>	<p>Início Sé- culo XVI. Alterações XVIII</p>	<p>Tombada pe- lo IPHAN.</p>	<p>Culto Religioso.</p>	<p>Necessita restauração da cobertura e interi- or.</p>	<p>Tratamento da praça onde está implantada a Igreja, vide proposta Prainha.</p>
03	<p>FORTALEZA DE PIRATININGA (Forte S. Francisco Xavier da Barra) Área do 38.B1</p>	<p>Século XVII</p>	<p>Patrimônio da União.</p>	<p>Sem utilização; exis- te proposta de cria- ção de museu militar.</p>	<p>A conservação é boa, porém a última restau- ração da cobertura, descaracterizou a edi- ficação.</p>	<p>Agilização na criação do Museu Militar de Piratininga.</p>

Nº	MONUMENTO	PERÍODO (Século)	PROTEÇÃO EXISTENTE	UTILIZAÇÃO ATUAL	GRAU DE CONSERVAÇÃO	RECOMENDAÇÕES
04	FAROL SANTA LUZIA Ponta de Santa Luzia	Século XIX (1871)	Nenhuma.	Apoio a Navegação.	A edificação está em bom estado de funcionamento e conservação.	Tombamento. Grau de proteção GP 2, tratamento e ambientação dos espaços do entorno.
05	IGREJA DA BARRA DO JUCU Barra do Jucu - Centro	Século XX (1900/1913)	Nenhuma.	Culto Religioso.	Em bom estado de conservação. A restauração descaracterizou as condições originais, principalmente no interior da edificação.	Tombamento, Grau de proteção GP 2. Tratamento do entorno e integração com a praça.
06	IGREJA DE PONTA DA FRUTA Morro de Ponta da Fruta	Século XX	Nenhuma.	Culto Religioso.	Estado de conservação é regular.	Tombamento. Grau GP 2. Tombamento e tratamento do morro em que está implantada. Restauração do interior e cobertura da Igreja.

4.

CADASTRAMENTO/LEVANTAMENTO

IO
AIZETP AD O-HZTKZOC

1.

INFORMAÇÕES GERAIS

REGIÃO: *Sudeste*ESTADO: *Espírito Santo*MUNICÍPIO: *Vila Velha*DISTRITO/BAIRRO: *Centro*LOGRADOURO: *Rua Luiza Grimalda s/n*DENOMINAÇÃO: *Convento da Penha*UTILIZAÇÃO ATUAL: *Culto religioso*PROTEÇÃO EXISTENTE: *Tombado pelo IPHAN*GRAUDE PROTEÇÃO: *GP 1*PERÍODO: *Século XVII (1650).*

2.

FICHA SITUAÇÃO E AMBIENTE

a) TOPOGRAFIA TERRENO

2. Encosta

. acima 30°

OBS: Topo do Outeiro.

b) ENTORNO (PLANO GERAL)

1. Elevação

. topo

c) ACESSO

3. Tráfego local

. ladeira

4. Via pedestre

. ladeira

. escadaria

d) VISUAIS DO MONUMENTO EM RELAÇÃO DO ENTORNO

4. Paisagem de elementos naturais

5. Linha do horizonte

e) VISUAIS DO ENTORNO EM RELAÇÃO AO MONUMENTO

1. Completamente visível

f) VEGETAÇÃO

1. Grande porte

O Convento está implantado no Outeiro com floresta natural e re constituída.

g) EDIFICAÇÕES DO ENTORNO

Não existem edificações no entorno visto localizar-se no topo do Outeiro, também tombado pelo IPHAN.

h) CONDIÇÕES QUALITATIVAS DO AMBIENTE

As condições qualitativas do ambiente são boas.

02

O-PAISOR OD A-PIRG-

1.

INFORMAÇÕES GERAIS

REGIÃO: *Sudeste*ESTADO: *Espírito Santo*MUNICÍPIO: *Vila Velha*DISTRITO/BAIRRO: *Centro*LOGRADOURO: *Praça da Bandeira*DENOMINAÇÃO: *Igreja do Rosário*UTILIZAÇÃO ATUAL: *Culto Religioso*PROTEÇÃO EXISTENTE: *Tombada pelo IPHAN*GRAU DE PROTEÇÃO: *GP 1*PERÍODO: *Século XVI (1573)**Frontão com características do século XVIII.*

2.

FICHA SITUAÇÃO E AMBIENTE

a) TOPOGRAFIA TERRENO

1. Plano

b) ENTORNO (PLANO GERAL)

3. Plano

5. Orla

OBS: Localizada próxima da prainha, do Outeiro da Penha e morro Jaburuna.

c) ACESSO

3. Tráfego local

- . plano

d) VISUAIS DO MONUMENTO EM RELAÇÃO AO ENTORNO

1. Elementos construídos de valores artístico e cultural

3. Espaço urbano não edificado
. Com tratamento paisagístico

4. Paisagem de elementos naturais

5. Linha do horizonte

e) VISUAIS DO ENTORNO EM RELAÇÃO AO MONUMENTO

1. Completamente visível

f) VEGETAÇÃO

1. Grande porte
2. Médio Porte
3. Pequeno porte

Palmeiras imperiais defronte à igreja e de outras espécies na praça, aos fundos. Vegetação ornamental na praça.

g) EDIFICAÇÕES DO ENTORNO

1. Elementos construídos de valor cultural
 - . edificação
 - . praças
2. Conjuntos de elementos construídos
 - . edificações

Implantada na Praça da Bandeira, e próxima ao Convento da Penha e fortaleza de Piratininga. As edificações do entorno são à maior parte de dois pavimentos em processo de renovação. Encontram-se ainda alguns exemplares do início do século.

h) CONDIÇÕES QUALITATIVAS DO AMBIENTE

As condições qualitativas do ambiente são boas, porém podem ser melhoradas com tratamento paisagístico adequado ao local e remodelação da Praça.

3.

FICHA TÉCNICA

a) ESTRUTURA

1. Estrutura: Paredes autoportantes em alvenaria de pedra.
2. A estrutura de sustentação do côro é em concreto armado, en gastado nas paredes de alvenaria de pedra.

b) COBERTURA

1. Cobertura de duas águas, com menor pé-direito na capela.
2. Estrutura da cobertura-treliças e vigas de madeira.
3. Forro - a nave possui forro tipo mansarda, executado em tã buas de madeira com encaixe tipo macho x fêmea. É possível que existisse mural, porém atualmente a pintura é lisa. O forro da capela em semi-arco de madeira, apresenta algumas par tes restauradas, onde o encaixe em ponta seca foi substituído pelo tipo macho x fêmea. Algumas zonas precisam de repa ros.
4. Entelhamento - telhas tipo-marselha, beiral simples, sem re vestimento, o estado de conservação é precário. Recomenda-se a restauração da cobertura.

c) PAREDES

1. As paredes são de alvenaria de pedra, revestidas com reboco liso e pintadas. Um arco cruzeiro separa a nave da capela-mor, também em alvenaria de pedra. O retábulo estende-se até as paredes laterais separando a capela da pequena sacristia, nos fundos. O estado de conservação é bom, necessitando pintura de interior e exterior.

d) CÔRO

1. O côro original foi substituído, e o atual possui vigas de concreto engastadas nas paredes laterais.
2. O piso é de tábuas de madeira, em estado regular de conservação.
3. Guarda corpo em alvenaria com balaustres curvos de argamassa de cimento.

e) ESCADAS

1. A igreja está implantada em plano mais elevado em relação a rua possuindo escadas de acesso na fachada principal, nas laterais e nos fundos.
2. A escada de acesso ao côro possui alguns degraus na nave e o restante desenvolvendo-se em outro lance na parte interna do côro. Executada em tábuas de madeira, não possui corrimão, o estado de conservação é regular.

f) ESQUADRIAS

1. As portas da igreja possuem marcos de cantaria e folhas de madeira maciça com almofadas, a porta da fachada de fundos possui folhas de tábuas de madeira. O estado de conservação é regular.
2. As janelas possuem marcos de madeira, folhas móveis e fixas e abertura tipo b́ascula, as de cōro s̃ao de abrir, folhas de vidro com caixilhos de madeira. Necessitam consertos, existem vidros quebrados e a pintura é precária.

g) ALTERAÇÕES

1. A estrutura do cōro foi alterada.
2. Os pisos originais foram substituídos por pisos de ladrilho cerâmico.
3. As folhas das esquadrias foram substituídas por folhas de vidro com caixilhos de madeira.

h) RESTAURAÇÃO

A igreja, já tombada pelo IPHAN, está com verba designada para a execução da restauração. As obras deverão ser iniciadas brevemente.

i) ILUMINAÇÃO E VENTILAÇÃO

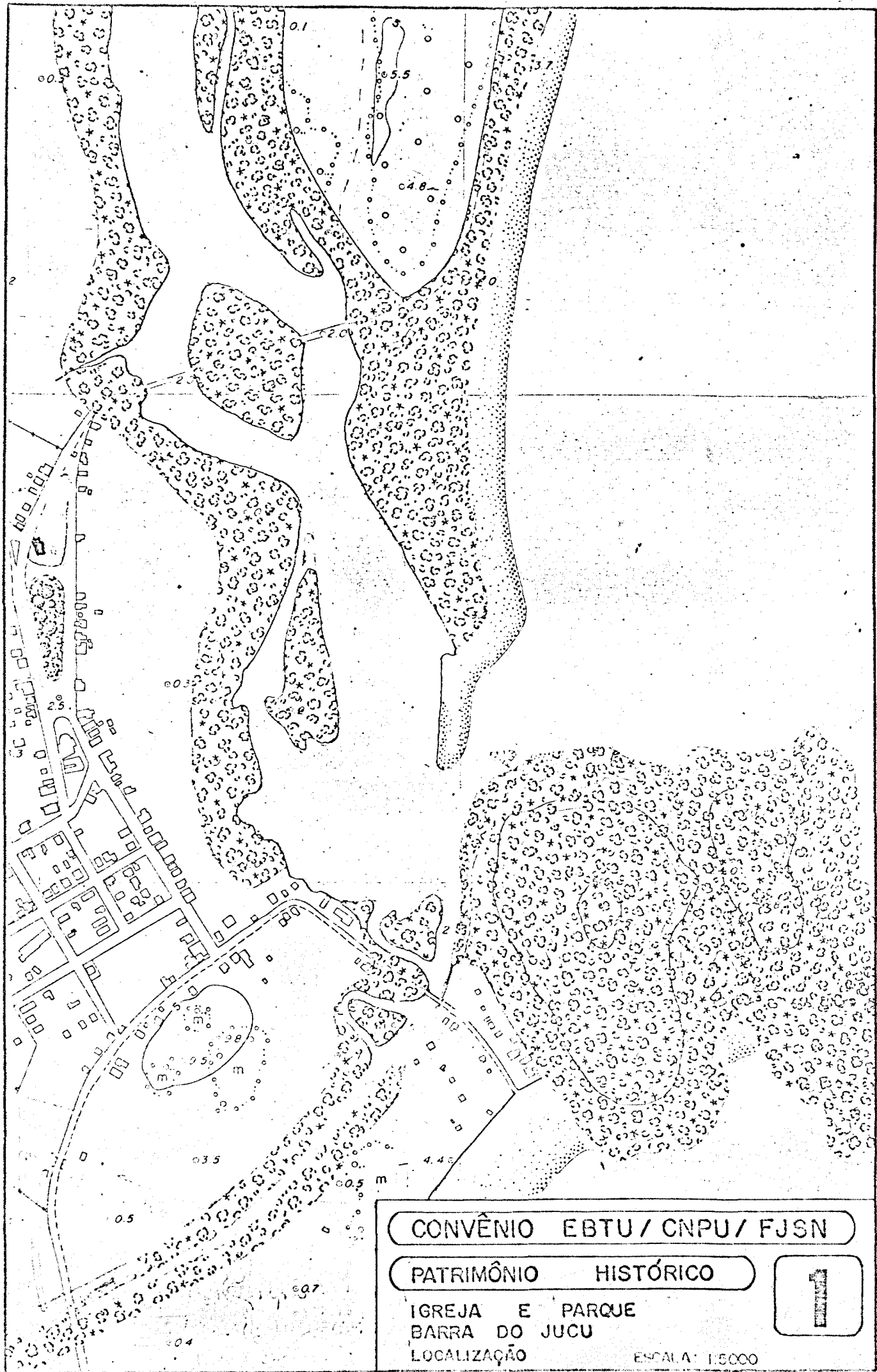
As condições de iluminação e ventilação são boas.

j) INSTALAÇÃO HIDRÁULICA

Não existe instalação hidráulica na igreja.

l) SALUBRIDADE

As condições de salubridade são precárias devido a infiltração de água na cobertura e forro.



CONVÊNIO EBTU / CNPU / FJSN

PATRIMÔNIO HISTÓRICO

1

IGREJA E PARQUE
BARRA DO JUCU
LOCALIZAÇÃO

ESCALA: 1:5000

03

AGN-Z-HAR-P HROT

1.

INFORMAÇÕES GERAIS

REGIÃO: *Sudeste*ESTADO: *Espírito Santo*MUNICÍPIO: *Vila Velha*DISTRITO/BAIRRO: *Centro*LOGRADOURO: *Área do 38º BI*DENOMINAÇÃO: *Fortaleza de Piratininga (Forte São Francisco Xavier)*UTILIZAÇÃO ATUAL: *Foi proposto para o local a criação do Museu Militar de Piratininga, com projeto em fase de elaboração.*PROTEÇÃO EXISTENTE: *Patrimônio da União*GRAU DE PROTEÇÃO: *GP 1*PERÍODO: *Século VXIII (1702)*

1.

EDIFICAÇÃO ISOLADA GP 2

FORTALEZA DE PIRATININGA**PROPRIETÁRIO:** *Patrimônio da União.***Nº PAVIMENTOS:** *2 pavimentos.***TÉCNICA CONSTRUTIVA:** *De planta circular, foi edificada em alvenaria de pedra.***ESTADO DE CONSERVAÇÃO:** *Encontra-se em bom estado de conservação.***HISTÓRICO/DOCUMENTAL/RECOMENDAÇÕES:** *A Fortaleza de Piratininga era denominada de Forte São Xavier da Barra, que foi edificada no ano de 1602 e abrigou um dos primeiros grupos de infantaria da cidade de Vitória. Constituiu-se num ponto estratégico de proteção da Baía de Vitória, durante o período colonial. Neste século, a Fortaleza foi restaurada diversas vezes, e observa-se, que uma recente restauração da cobertura, alterou as elevações devido sua inadequada colocação, e o interior foi completamente alterado. Para o local existe a proposta de criação de um Museu Militar, porém ainda em fase de estudos. Recomenda-se a agilização na criação do Museu, visando assim o livre acesso da população à edificação, além da reutilização da Fortaleza, o que contribuiria para a sua manutenção/conservação.*

3.

FICHA SITUAÇÃO E AMBIENTE

a) TOPOGRAFIA TERRENO

1. Plano

b) ENTORNO (PLANO GERAL)

3. Plano

5. Orla

c) ACESSO

3. Tráfego local

. plano

. ladeira

d) VISUAIS DO MONUMENTO EM RELAÇÃO DO ENTORNO

4. Paisagem de elementos naturais

5. Linha do horizonte

e) VISUAIS DO ENTORNO EM RELAÇÃO AO MONUMENTO

3. Parcialmente obstruído devido a elementos de paisagem

OBS: A obstrução parcial verifica-se somente para os observadores lo
calizados no continente.

f) VEGETAÇÃO

1. Grande porte

OBS: Nos fundos da fortaleza existem castanheiras, nas proximidades à mata do outeiro da Penha.

g) EDIFICAÇÕES DO ENTORNO

2. Conjuntos ambientais de elementos construídos

. edificações

OBS: Próximo à fortaleza, as edificações do 38º Bl.

h) CONDIÇÕES QUALITATIVAS DO AMBIENTE

O local onde está implantada a fortaleza apresenta boas condições ambientais.

ΓΟΡΑΓ
S-HA
JUN-A

04

1.

INFORMAÇÕES GERAIS

REGIÃO: *Sudeste*ESTADO: *Espírito Santo*MUNICÍPIO: *Vila Velha*DISTRITO/BAIRRO: *Vila Velha*LOGRADOURO: *Rua Santa Luzia*DENOMINAÇÃO: *Farol Santa Luzia*UTILIZAÇÃO ATUAL: *Apoio à navegação*PROTEÇÃO EXISTENTE: *Sob proteção do Ministério da Marinha*GRAU DE PROTEÇÃO: *GP 1*PERÍODO: *Século XIX (1817).*

3.2.

FICHA HISTÓRICO-DOCUMENTAL

- a) INICIATIVA DA CONSTRUÇÃO: Iniciativa do Barão de Cotegipe, durante o reinado de D. Pedro II.
- b) INÍCIO DAS OBRAS: As obras foram iniciadas em 1870.
- c) AUTORIA DO PROJETO E RESPONSÁVEL PELA EXECUÇÃO: Foi construído sob a responsabilidade do Engenheiro Zózimo Barrozo.
- d) DATA DE CONCLUSÃO: O Farol foi inaugurado em 7 de setembro de 1871.
- e) DESTINAÇÃO E OCUPAÇÃO: O Farol tem a função de auxiliar a navegação da entrada da baía de Vitória e da costa, função que mantém até os dias atuais.

3.

LOCALIZAÇÃO

O Farol Santa Luzia está localizado nas coordenadas de LAT 20° graus, 19 minutos, 30 segundos sul e LONG 040° graus, 16 minutos e 05 segundos oeste em uma área de 14.986,00 m² nas proximidades do Porto de Vitória.

Trata-se de um terreno rochoso formado pela encosta íngreme da Ponta Santa Luzia, tem o cimo achatado onde se encontra edificada a torre do Farol e as residências para faroleiros.

4.

O FAROL

O Farol constitui-se numa torre octogonal metálica de 12 m de altura com área de 9 m^2 , de base. O aparelho de luz está instalado na torre e uma altitude de 29 m com alcance luminosos e 16 milhas marítimas.

5.

FICHA HISTÓRICO-DOCUMENTAL

a) TOPOGRAFIA TERRENO

1. Plano
 - . acima 30°

OBS: O Farol está implantado no topo de encosta.

b) ENTORNO (PLANO GERAL)

1. Elevação
 - . topo
5. Orla

OBS: Encosta com mais de 30°. A área toda encontra-se sobre rocha saliente, vista do mar.

c) ACESSO

3. Tráfego local
 - . plano
4. Via pedestre
 - . plano

OBS: A via de pedestre é privativa ao Farol.

d) VISUAIS DO MONUMENTO EM RELAÇÃO AO ENTORNO

3. Espaço urbano não edificado
. sem tratamento paisagístico
4. Paisagem de elementos naturais
5. Linha do horizonte

OBS: No monumento podem ser vistos o Porto de Tubarão, as praias do Canto e Camburi, o morro Mestre Álvaro, a ilha do Boi, do Frade e outras.

e) VISUAIS DO ENTORNO EM RELAÇÃO AO MONUMENTO

1. Completamente visível

f) VEGETAÇÃO

3. Pequeno porte (vegetação rasteira)

OBS: Há cerca de dois anos a área era completamente arborizada. Por ordens superiores da Capitania dos Portos as árvores foram cortadas restando apenas duas castanheiras mortas e vegetação rasteira.

g) EDIFICAÇÕES DO ENTORNO

2. Conjuntos de elementos construídos
. edificações

OBS: Junto do Farol, as residências dos funcionários da Marinha, são parcialmente visíveis algumas residências, o Hotel Santa Luzia e residência de verão do Governo Estadual.

h) CONDIÇÕES QUALITATIVAS DO AMBIENTE

As condições qualitativas do ambiente são boas.

05

—(G)M—

WARRA

OD

—(G)M—

1.

INFORMAÇÕES GERAIS

REGIÃO: *Sudeste*ESTADO: *Espírito Santo*MUNICÍPIO: *Vila Velha*DISTRITO/BAIRRO: *Distrito de Barra do Jucu*LOGRADOURO: *Praça da Barra do Jucu*DENOMINAÇÃO: *Igreja da Barra do Jucu*UTILIZAÇÃO ATUAL: *Culto religioso*PROTEÇÃO EXISTENTE: *Nenhuma*GRAU DE PROTEÇÃO: *GP 2*PERÍODO: *Século XX (1900/1913).*

2.

FICHA SITUAÇÃO E AMBIENTE

a) TOPOGRAFIA TERRENO

1. Plano

Implantada em pequena ondulação do terreno.

b) ENTORNO (PLANO GERAL)

3. Plano

c) ACESSO

2. Tráfego moderado

. plano

d) VISUAIS DO MONUMENTO EM RELAÇÃO AO ENTORNO

3. Espaço urbano não edificado
. com tratamento paisagístico

4. Paisagem de elementos naturais

5. Linha do horizonte

e) VISUAIS DO ENTORNO EM RELAÇÃO AO MONUMENTO

1. Completamente visível

f) VEGETAÇÃO

Não existe vegetação no entorno da igreja, somente na praça em frente, vegetação de porte e arbustiva ornamental.

g) EDIFICAÇÕES DO ENTORNO

2. Conjuntos de elementos construídos

- . edificações
- . praças

OBS: No entorno há predominância de edificações térreas com lotes arborizados e apresentando baixa densidade.

h) CONDIÇÕES QUALITATIVAS DO AMBIENTE

As condições qualitativas do ambiente são regulares, faz-se necessário tratamento paisagístico do entorno e construção de passeios para pedestres.

3,

FICHA TÉCNICA

a) FUNDAÇÕES

Fundações em alvenaria de pedra sem recalques e em bom estado de conservação.

b) ESTRUTURA

Paredes autoportantes em alvenaria de pedra.

c) COBERTURA

1. A cobertura é de duas águas, com maior altura na nave principal e menor no altar e sacristia.
2. Toda a estrutura de cobertura foi substituída devido a mudança do tipo de telhas e alterações do interior.
3. Entelhamento: as telhas tipo-canal foram substituídas por telhas de cimento amianto.

d) INTERIOR

1. O interior da igreja compreende a nave, a capela e pequeno espaço onde funciona a sacristia. O altar foi demolido. Separa os dois espaços internos um arco cruzeiro em alvenaria de pedra. O piso é de ladrilho cerâmico, o teto é plano, de madeira envernizada, e as paredes são nuas, existem dois nichos para imagens ao lado do arco cruzeiro.

e) ALTERAÇÕES

1. Alterações do interior.

Forro - o forro era tipo mansarda, de tábuas de madeira, foi substituído por um plano, à meia altura das três janelas que compõe a fachada principal.

Côro - todo em madeira, foi demolido por ocasião da alteração do interior da igreja.

Capela - O retábulo, de madeira, possuía dossel em arco sustentado por colunas jônicas, era pintado na cor branca com frisões dourados. Separando a capela da nave um gradil de ferro forjado. Por ocasião da alteração do interior ambos foram removidos.

Piso - o piso foi substituído por ladrilho cerâmico.

2. Alterações do exterior.

A descaracterização do exterior foi menor, conservando-se as fachadas e frontispício. O telhado foi totalmente substituído, as janelas laterais, de madeira foram substituídas por esquadrias de metal. As portas foram conservadas.

f) ILUMINAÇÃO E VENTILAÇÃO

As condições de iluminação e ventilação natural são boas.

g) SALUBRIDADE

Boas condições de salubridade. As paredes, pisos e esquadrias encontram-se em bom estado de conservação e não foi constatada a existência de umidade no interior.

06

A-HURU

A-HZOD

A-HURG

1.

INFORMAÇÕES GERAIS

REGIÃO: *Sudeste*ESTADO: *Espírito Santo*MUNICÍPIO: *Vila Velha*DISTRITO/BAIRRO: *Distrito de Ponta da Fruta*LOGRADOURO: *Morro de Ponta da Fruta*DENOMINAÇÃO: *Igreja de Ponta da Fruta*UTILIZAÇÃO ATUAL: *Culto religioso*PROTEÇÃO EXISTENTE: *Nenhuma*GRAU DE PROTEÇÃO: *GP 2*PERÍODO: *O frontão da igreja traz a data de 1945.*

2.

FICHA SITUAÇÃO E AMBIENTE

a) TOPOGRAFIA TERRENO

1. Plano

OBS: Topo de elevação.

b) ENTORNO (PLANO GERAL)

1. Elevação

. topo

c) ACESSO

3. Tráfego local

. ladeira

d) VISUAIS DO MONUMENTO EM RELAÇÃO AO ENTORNO

4. Paisagem de elementos naturais

5. Linha do horizonte

e) VISUAIS DO ENTORNO EM RELAÇÃO AO MONUMENTO

1. Completamente visível.

f) VEGETAÇÃO

3. Pequeno porte (vegetação rasteira)

g) EDIFICAÇÕES DO ENTORNO

2. conjuntos de elementos construídos
. edificações

OBS. Existem somente algumas edificações na encosta do morro, próximo ao mar; as demais edificações localizam-se na pequena vila, próximas à praia, expandindo-se na direção Sudoeste.

h) CONDIÇÕES QUALITATIVAS DO AMBIENTE

As condições do ambiente são regulares, pouca vegetação de porte e não existe pavimentação, no acesso de terra batida. O entorno da igreja é parcialmente gramado. O local destaca-se como um dos principais pontos mirantes da Rodovia do Sol.

3.

FICHA TÉCNICA

a) ESTRUTURA/PAREDES

1. A estrutura constitui-se de paredes autoportantes, em alvenaria de tijolos.
2. Paredes externas e internas em alvenaria de tijolos, revestidas com reboco liso e pintura à base de cal, na cor branca. O estado de conservação é bom, e foram pintadas recentemente. O reboco interno está precário e precisa ser removido.

b) COBERTURA

1. A cobertura é de duas águas. Na fachada principal possui frontispício e nas laterais e nos fundos beiral sem revestimento com viguetas e telhas aparentes.
2. Entelhamento - telhas tipo marselha.
3. Estado de conservação - regular, necessita de reparos visto apresentar infiltração de água.

c) INTERIOR

1. O interior da igreja mantém a mesma simplicidade do exterior, constituindo-se basicamente em dois compartimentos. A nave com uma mesa de madeira que serve de altar e uma sala nos fundos que funciona como sacristia. É provável que tivesse existido retábulo, porém não existem vestígios. O acesso à sacristia, faz-se por pequena porta ao lado do altar.
2. Forro - o forro da igreja é de tábuas de madeira plano. Provavelmente alterado, visto encobrir parcialmente o arco de alvenaria.
3. Pisos - os pisos da nave e da sacristia são de cimento alisado e apresentam rachaduras.
4. Esquadrias - as portas são em folhas de abrir, de madeira. As janelas, duas na fachada principal e duas na sacristia são em folhas de abrir, de madeira, e não possuem vidros. Somente a verga superior da porta principal é abaulada.

d) ILUMINAÇÃO E VENTILAÇÃO

A igreja possui iluminação e ventilação natural regular.

e) SALUBRIDADE

Constatou-se muita umidade no interior da igreja, principalmente nos pisos. Há infiltração de água devido o estado precário da cobertura. Além das condições regulares de iluminação e ventilação a igreja passa a maior parte do tempo fechada.

BIBLIOGRAFIA

- ASSIS, Francisco Eugênio de. *Dicionário Histórico e Geográfico do Espírito Santo*. 1945.
- ARQUITETO. São Paulo, Schema, nº 53.
- ARQUITETURA CIVIL. São Paulo, FAU-USP/MEC-IPHAN, 1975. 3 v.
- AVIDOS, Florentino. *Mensagem Final*.
- BALESTRERO, Heribaldo Lopes. *O povoamento do Espírito Santo*. Viana, 1976.
- BIARD, F. *Deux années aux Brésil*. Paris, Librairie Hachette, 1862.
- BRITO, Francisco Saturnino Rodrigues de. *Projeto de um novo arrabalde dotado de serviços de abastecimento d'água e drenagem para Vitória - capital do Espírito Santo*. Vitória, 1896.
- BRUNA, Gilda Collet. *Planos diretores municipais: organização das áreas urbanas e rurais*. São Paulo, FAU/USP, 1975 (mimeo).
- CADASTRO de edificações de interesse histórico da região metropolitana de Belo Horizonte. (mimeo).
- CASA E JARDIM ARQUITETURA. Patrimônio Histórico, 1977.
- CASTELLS, Manuel. *La cuestión urbana*. 2. ed. Buenos Aires, Siglo Veintiuno, 1976.
- CULLEN, Gordon. *El paisaje urbano*. Barcelona, Blume, 1974.
- DERENZI, Luiz Serafim. *Biografia de uma ilha*. Rio de Janeiro, Pongetti, 1965.
- _____. *História do Palácio Anchieta*. Vitória, Secretaria de Educação e Cultura, 1971.
- ETZEL, Eduardo. *O barroco no Brasil*. 2. ed. São Paulo, Edições Melhoramentos/Universidade de São Paulo, 1974.
- FUNDAÇÃO CULTURAL DO ESPÍRITO SANTO. *Programa de valorização histórico-cultural do Espírito Santo*. s. n. t.

FUNDAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO DA REGIÃO METROPOLITANA DO RECIFE. *Plano diretor de preservação ambiental urbana da região metropolitana do Recife*. 1978 (mimeo).

FURTER, Pierre. *Dialética da esperança*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1974.

MANIFESTO DE AMSTERDAM. *L'Architecture D'aujourd'hui*. Paris, 1976.

MAPA TOPOGRÁFICO DA PROVÍNCIA DO ESPÍRITO SANTO. Rio de Janeiro, Inspetoria Geral de Terras e Colonização, 1878.

MARQUES, Cezar Augusto. *Dicionário Histórico e Estatístico da Província do Espírito Santo*. 1878.

MEDEIROS, Antônio Carlos de. *Espírito Santo: a industrialização como fator de desautonomia relativa*. Rio de Janeiro, FGV, 1977.

MORAES, Cícero. *Geografia do Espírito Santo*. Vitória, Fundação Cultural do Espírito Santo, 1974.

MORAES, Neida Lúcia. *O Espírito Santo é assim*. Vitória, s. d.

NEVES, L. G. S. *Queimados*. Vitória, Art. Script Composição, 1977.

NOVAES, Maria Estella. *História do Espírito Santo*. Vitória, Fundo Editorial do Espírito Santo, s. d.

PATRIMÔNIO CULTURAL. São Paulo, FAU-USP/IPHAN, 1974. 3v.

PREVET. *Análise das condições naturais e dos sítios a serem preservados*. s. n. t. (mimeo).

REIS, Carlos. *O Estado do Espírito Santo; álbum fotográfico*. Rio de Janeiro, 1910.

_____. *O Estado do Espírito Santo em 1910*. s. n. t.

REIS FILHO, Nestor Goulart. *Evolução urbana do Brasil*. São Paulo, Pioneira, Edusp, 1968.

- REIS FILHO, Nestor Goulart. *Quadro da arquitetura no Brasil*. São Paulo, Perspectiva, 1970.
- ROCHA, Levy. *De Vasco Coutinho aos contemporâneos*. 1977.
- ROWER, Basílio. *Página de História Franciscana do Brasil*.
- SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Segunda viagem ao interior do Brasil*. São Paulo, Comp. Ed. Nacional, 1936.
- _____. *Viagem ao Espírito Santo e Rio Doce*. São Paulo, Edusp, 1974.
- SÃO PAULO. Secretaria de Economia e Planejamento. *Programa de preservação e revitalização do patrimônio ambiental urbano; versão preliminar*. s. n. t. (mimeo).
- _____. *Patrimônio ambiental urbano; primeiras noções*. 1977. (mimeo).
- SPREIREGEN, Paul D. *Compêndio de arquitetura urbana*. 4. ed. Barcelona, Gustavo Gilli, 1973.
- TELLES, Augusto Carlos da Silva. *Atlas dos monumentos históricos e artísticos do Brasil*. Rio de Janeiro, MEC/DAE/FENAME, 1975.
- TELLES, Leandro Silva. *Manual do patrimônio histórico*. Porto Alegre, Escola Superior de Teologia de São Lourenço de Brindes/Prefeitura Municipal de Rio Pardo/Universidade Federal de Caxias do Sul, 1977.
- TORRES FILHO, Arthur E. Margarinos. *O Espírito Santo e seu desenvolvimento econômico*. Rio de Janeiro, Tipo. Litho. Pimenta de Mello, 1913.
- UNESCO. *Convencion para la proteccion del patrimonio muldial cultural y natural*.
- VALLE, Euripedes Queiroz de. *Pequeno dicionário informativo do Espírito Santo*.
- Foram consultados os Arquivos da Assembléia Legislativa, Arquivos da Biblioteca Pública e arquivo fotográfico do Arquivo Público.*

